

# Ilusão ou aparência? Uma avaliação hermenêutica de *Schein* na *Introdução da Dialética Transcendental*

Thiago dos Anjos Noletto BARROS<sup>1</sup>

∞

## RESUMO

O presente artigo busca investigar o termo *Schein* na *Introdução da Dialética Transcendental* na *Crítica da Razão Pura (KrV)*. Pretende-se, com isso, compreender o seu significado imediato e contextual e, ao mesmo tempo, distingui-lo de outros vocábulos utilizados por Kant nessa seção da Primeira Crítica. Em geral, as traduções em língua portuguesa (do Brasil e de Portugal) variam na tradução do vocábulo, ora vertido como “ilusão”, ora como “aparência”. A compreensão destas variações pode lançar luz sobre a aplicação kantiana dos termos, bem como esclarecer seu domínio semântico e contextual, auxiliando, enfim, na compreensão de um tópico específico da abertura da *Dialética*, a saber, a *Ilusão Transcendental*.

**Palavras-Chaves:** Ilusão. Aparência. Dialética. Kant.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará a expressão alemã *Transzendentaler Schein* vertida, em português, ora como “aparência transcendental”, como mormente<sup>2</sup> se lê na versão da *Crítica da Razão Pura* (doravante *KrV*<sup>3</sup>) de Santos & Morujão<sup>4</sup>, da *Calouste Gulbenkian*, ora como “ilusão transcendental”, como é preferível nas versões de Rohden & Moosburger<sup>5</sup>, da Abril Cultural – *Coleção Os Pensadores*,

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/RN) na linha de pesquisa “Lógica e Metafísica”. Possui mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/RN). E-mail: thiago.dos.anjos@hotmail.com

<sup>2</sup> Sublinha-se que, na versão portuguesa, a tradução de *Schein* no corpo discursivo aparece sempre como “aparência”, possivelmente para manter certa aproximação à forma como Kant o apresenta na *Dialética*. Essa postura, por exemplo, não é acompanhada em versões brasileiras do texto que, em muitos casos, permutam “ilusão” e “aparência” na tradução deste termo. Vale ressaltar, ainda, que ao se referir a *Transzendentaler Schein*, essa versão prefere a expressão “aparência transcendental” em oposição às brasileiras que utilizam mais “ilusão transcendental”.

<sup>3</sup> Os textos da *Crítica da Razão Pura* serão citados usando a abreviação *KrV* da Academia (*Akademie-Ausgabe*).

<sup>4</sup> KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

<sup>5</sup> KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valério Rohden e Ubo Baldur Moosburger. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

como também na de Matos<sup>6</sup>, da *Vozes & Editora Universitária São Francisco*. Antes de qualquer coisa, não se trata, aqui, de uma análise das versões citadas, mas sim de uma consideração em nível de tradução acerca da terminologia avaliada. A razão para este empreendimento se dá em função da compreensão que pode ser apreendida pela escolha de uma dessas expressões, visto que, no vernáculo brasileiro, é possível atribuir valor semântico distinto aos termos “ilusão” e “aparência”.

Na *KrV*, Kant utiliza basicamente dois termos para lidar com essa problemática da razão, são eles: *Schein* e *Illusion*. O primeiro sempre está ligado, terminologicamente, à expressão técnica que faz nítida referência à ilusão ou aparência transcendental, ou seja, nestes casos o vocábulo *Schein* é lavrado por Kant; por outro lado, ao explicar a dinâmica ilusória da razão amiúde o filósofo usa também a expressão paralela *Illusion*, o que, de certo modo, pode apontar para um uso correlato dos termos ou mesmo uma intenção sinonímica, ou, quiçá, uma aplicação específica. Uma passagem que merece significativa atenção está em *KrV*, A297/B353-4, pois nela os dois vocábulos são postos em tela, note-se: “(...) a **aparência transcendental** não cessa, ainda mesmo depois de descoberta e claramente reconhecida a sua nulidade pela crítica transcendental (...) **Ilusão** esta que é inevitável?”. No primeiro, temos aplicada a expressão *Transzendental Schein*, e, no segundo, a palavra *Illusion*.

Ora, uma vez reconhecida certa variação no uso dos termos, cabe, então, uma abordagem que apresente uma discussão apropriada sobre isto, considerando, por ocasião, tanto o aspecto quantitativo-redacional<sup>8</sup>, como também em favor de algum posicionamento interpretativo destes. Vários autores – como, por exemplo, Mellin<sup>9</sup> e Grier<sup>10</sup> – reconhecem que os termos acima citados são intercambiáveis no *corpus* da *KrV* e possuem alguma significação mais precisa na pragmática do discurso – ou seja, numa aplicação do termo sem qualquer custo ao sentido em geral – do que de uma análise semântica que discutiria, nesse caso, alguma variação exegética em seu sentido. Apesar disto, há também aqueles que compreendem um emprego especial do termo *Illusion*, à diferença de *Schein*, considerando-o como vocábulo técnico cuja significação pode ser derivada das discussões feitas por Kant no tocante à arte e à antropologia durante o período formativo da *KrV*, como pensara Moscón. Ele diz:

---

<sup>6</sup> KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução e notas de Fernando Costa Mattos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015. (Coleção Pensamento Humano)

<sup>7</sup> *KrV*, A297/B353-4 (negritos nossos, contudo o itálico em *Ilusão* consta no original)

<sup>8</sup> As várias ocorrências das expressões na *Introdução* da *Dialética Transcendental*

<sup>9</sup> MELLIN, G. S. A. **Encyclopädisches Wörterbuch der kritischen Philosophie**, V Band, I Abtheil, Jena & Leipzig, 1802, p. 173.

<sup>10</sup> Numa consideração em nota de rodapé, Grier diz: “ao falar de ilusão, Kant, em muitas partes, usa os termos *Schein* e *Illusion*” (GRIER, M. **Kant’s Doctrine of Transcendental Illusion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 129. [tradução nossa]): “In speaking of ‘illusion’ Kant for the most part uses the terms *Illusion* or *Schein*”.

A elaboração kantiana do conceito de ilusão se encontra fortemente pela teoria estética desenvolvida durante os séculos XVII e XVIII, no seio do movimento ilustrado. Como já designado na bibliografia, a diferença da concepção corrente acerca da ilusão – cuja origem se remonta a Platão – para os filósofos ilustrados deste período, a “ilusão artística” não se define, de maneira depreciativa, como um engano ou uma *simulação*<sup>11</sup> (MOSCÓN, 2015, p. 42, *tradução nossa*)

Uma vez posta essa problemática, julga-se razoável dedicar alguma discussão que possa ser elucidativa sobre este particular.

## 2. ILUSÃO E APARÊNCIA NA INTRODUÇÃO DA DIALÉTICA TRANSCENDENTAL

Em princípio, far-se-á um recorte textual da *KrV* com a finalidade de apresentar as ocorrências dos termos em questão e oportunamente analisá-los à luz do *usus loquendi*. Evidentemente que as expressões não se esgotam na *Introdução da Dialética*, contudo, a fim de não se tornar demasiado prolixa e/ou reiterativa, esta escolha se justifica também pela importante tarefa de analisarmos o contexto imediato no qual os termos em análise se inserem. Na *Introdução da Dialética Transcendental*, *Schein* e *Illusion* ocorrem 20 (vinte) vezes, sendo 18 (dezoito) como *Schein* (incluindo a forma verbal *scheine*) e apenas 2 (duas) como *Illusion*, com traduções variando entre “aparência”, “ilusão” e “parecer”. Contudo, na versão portuguesa ora utilizada (i.e.: a da *Calouste Gulbenkian*) as expressões aparecem 22 vezes, o que demonstra que a tradução, em alguns momentos, utilizou-as em circunstâncias textuais em que elas não ocorriam literalmente conforme o original, isto é, ou como acréscimo<sup>12</sup> ou como aplicação da mesma tradução para vocábulos distintos<sup>13</sup>. Caberá, por ocasião, aduzí-las numa sequência comparativa, tal como segue:

Chamamos acima à dialética em geral uma lógica da aparência<sup>14</sup> (*KrV*, A293/B349)

<sup>11</sup> “La elaboración kantiana del concepto de ilusión se encuentra fuertemente influenciada por la teoría estética desarrollada durante los siglos XVII y XVIII, en el seno del movimiento ilustrado. Como bien se ha señalado en la bibliografía, a diferencia de la concepción corriente acerca de la ilusión —cuyo origen se remonta a Platón— para los filósofos ilustrados de dicho período, la “ilusión artística” ya no se define, de manera despectiva, como un engaño o una simulación”.

<sup>12</sup> Como é o caso em *KrV*, A295/B352, em que se lê “da aparência empírica (por exemplo, das ilusões de ópticas)” em português, porém em alemão se diz apenas “vom empirischen Scheine (z. B. dem optischen)”, literalmente: “da ilusão empírica (p.ex., a óptica)”. Aqui, portanto, o termo *Schein* é redigido apenas na primeira parte e posto em elipse no parêntese no tocante à redação original.

<sup>13</sup> É o que ocorre, por exemplo, em *KrV*, A298/B354-5, em que a tradução “ilusão” é aplicada ao vocábulo *Blendwerk*.

<sup>14</sup> “Wir haben oben die Dialektik überhaupt eine Logik des **Scheins** genannt” (KANT, Immanuel. **Kritik der reinen Vernunft**. Würzburg: Verlag von Félix Meiner, 1967, p.334. [Philosophische Bibliothek Band 37a])

Ainda menos se deverão considerar idênticos o fenômeno e a aparência. Porque a verdade ou a aparência não estão no objeto, na medida em que é intuído, mas no juízo sobre ele, na medida em que é pensado<sup>15</sup> (*KrV*, A293/B349-50)

Eis porque só no juízo, ou seja, na relação do objeto com o nosso entendimento, se encontram tanto a verdade como o erro e, portanto, também a aparência, enquanto induz a este último<sup>16</sup>. (*KrV*, A293/B350)

Não nos compete aqui tratar da aparência empírica (por exemplo, das ilusões ópticas) que apresenta o uso empírico das regras, aliás justas, do entendimento, mas onde a faculdade de julgar é desviada pela influência da imaginação; aqui importa-nos só a aparência transcendental, que influi sobre princípios cujo uso nunca se aplica à experiência, pois nesse caso teríamos, pelo menos, uma pedra de toque da sua validade, mas que, contra todas as advertências da crítica, nos arrasta totalmente para além do uso empírico das categorias, enganando-nos com a miragem de uma extensão do entendimento puro<sup>17</sup>. (*KrV*, A295/B351-2)

Se a nossa crítica conseguir desmascarar a aparência destes ambiciosos princípios, poderão os princípios de uso simplesmente empírico denominar-se, em oposição a estes, princípios imanentes do entendimento puro<sup>18</sup>. (*KrV*, A296/B353)

A aparência lógica, que consiste na simples imitação da forma da razão (a aparência dos paralogismos), provém unicamente de uma falta de atenção à regra lógica. Desaparece por completo logo que esta regra for justamente aplicada ao caso em questão. Em contrapartida, a aparência transcendental não cessa, ainda mesmo depois de descoberta e claramente reconhecida a sua nulidade pela crítica transcendental (por exemplo, a aparência na proposição seguinte: O mundo tem de ter um começo no tempo)<sup>19</sup>. (*KrV*, A296-7/B353)

---

<sup>15</sup> “Noch weniger dürfen Erscheinung und **Schein** für einerlei gehalten werden. Denn Wahrheit oder **Schein** sind nicht im Gegenstande, sofern er angeschaut wird, sondern im Urteile über denselben, sofern er gedacht wird.” (Ibid., p. 334)

<sup>16</sup> “Daher sind Wahrheit sowohl als Irrtum, mithin auch der **Schein**, als die Verleitung zum letzteren, nur im Urteile, d. i. nur in dem Verhältnisse des Gegenstandes zu unserem Verstande anzutreffen.” (Ibid., p. 334)

<sup>17</sup> “Unser Geschäft ist hier nicht, vom empirischen **Scheine** (z. B. dem optischen) zu handeln, der sich bei Idem empirischen Gebrauche sonst richtiger Verstandesregeln vorfindet, und durch welchen die Urteilskraft, durch den Einfluß der Einbildung verleitet wird, sondern wir haben es mit dem transszendentalen **Scheine** allein zu tun, der auf Grundsätze einfließt, deren Gebrauch nicht einmal auf Erfahrung angelegt ist, als in welchem Falle wir doch wenigstens einen Proberstein ihrer Richtigkeit haben würden, sondern der uns selbst, wider alle Warnungen der Kritik, gänzlich über den empirischen Gebrauch der Kategorien wegführt und uns mit dem Blendwerke einer Erweiterung des reinen Verstandes hinhält.” (Ibid., p. 335, 336)

<sup>18</sup> “Kann unsere Kritik dahin gelangen, den **Schein** dieser angemachten Grundsätze aufzudecken, so werden jene Grundsätze des bloß empirischen Gebrauchs, im Gegensatz mit den letzteren, immanente Grundsätze des reinen Verstandes genannt werden können.” (Ibid., p. 336)

<sup>19</sup> “Der logische **Schein**, der in der bloßen Nachahmung der Vernunftform besteht, (der **Schein** der Trugschlüsse,) entspringt lediglich aus einem Mangel der Achtsamkeit auf die logische Regel. Sobald daher diese auf den vorliegenden Fall geschärft wird, so verschwindet er gänzlich. Der transszendentale **Schein** dagegen hört gleichwohl nicht auf, ob man ihn schon aufgedeckt und seine Nichtigkeit durch die transszendentale Kritik deutlich eingesehen hat. (Z. B. der **Schein** in dem Satze: die Welt muß der Zeit nach einen Anfang haben.)” (Ibid., p. 336, 337)

*Ilusão* esta que é inevitável, assim como não podemos evitar que o mar nos pareça mais alto ao longe do que junto à costa, porque, no primeiro caso, o vemos por meio de raios mais elevados; ou ainda, como o próprio astrônomo não pode evitar que a lua, ao nascer, lhe pareça maior, embora não se deixe enganar por essa aparência<sup>20</sup>. (*KrV*, A297/B353-4)

A dialética transcendental deverá pois contentar-se com descobrir a aparência de juízos transcendentais, evitando ao mesmo tempo que essa aparência nos engane; mas nunca alcançará que essa aparência desapareça (como a aparência lógica) e deixe de ser aparência. Pois trata-se de uma ilusão natural e inevitável, assente, aliás, em princípios subjetivos, que apresenta como objetivos, enquanto a dialética lógica, para resolver os paralogismos, apenas tem de descobrir um erro na aplicação dos princípios, ou uma aparência artificial na sua imitação<sup>21</sup>. (*KrV*, A297-8/B354)

Há, pois, uma dialética da razão pura natural e inevitável; não me refiro à dialética em que um principiante se enreda por falta de conhecimentos, ou àquela que qualquer sofista engenhosamente imaginou para confundir gente sensata, mas à que está inseparavelmente ligada à razão humana e que, descoberta embora a ilusão, não deixará de lhe apresentar miragens e lançá-la incessantemente em erros momentâneos, que terão de ser constantemente eliminados<sup>22</sup>. (*KrV*, A298/B354-5)

Uma leitura cuidadosa das passagens citadas demonstrará que os termos “ilusão” e “aparência” são expressões de grande relevância na *Introdução da Dialética*, tal como consideramos no início. Observa-se, em específico, que os vocábulos originais que os designam são aplicados de modo bastante recorrente por Kant e que, particularmente, *Schein* se revela como expressão técnica para os mais diversos tipos de ilusão, mormente a Ilusão Transcendental. A questão que suscita atenção, porém, é em que sentido os termos *Schein* e *Illusion* podem ser considerados intercambiáveis ou não.

---

<sup>20</sup> “Eine **Illusion**, die gar nicht zu vermeiden ist, so I wenig als wir es vermeiden können, daß uns das Meer in der Mitte nicht höher **scheine**, wie an dem Ufer, weil wir jene durch höhere Lichtstrahlen als diesel) sehen, oder, noch mehr, so wenig selbst der Astronom verhindern kann, daß ihm der Mond im Aufgange nicht größer **scheine**, ob er gleich durch diesen **Schein** nicht betrogen wird.” (Ibid., p. 337)

<sup>21</sup> “Die transzendente Dialektik wird also sich damit begnügen, den **Schein** transzendenten Urteile aufzudecken, und zugleich zu verhüten, daß er nicht betrüge; daß er aber auch (wie der logische **Schein**) sogar verschwinde, und ein **Schein** zu sein aufhöre, das kann sie niemals belwerkstelligen. Denn wir haben es mit einer natürlichen und unvermeidlichen **Illusion** zu tun, die selbst auf subjektiven Grundsätzen beruht, und sie als objektive unterschiebt, anstatt daß die logische Dialektik in Auflösung der Trugschlüsse es nur mit einem Fehler, in Befolgung der Grundsätze, oder mit einem gekünstelten **Scheine**, in Nachahmung derselben, zu tun hat.” (Ibid., p. 337)

<sup>22</sup> “Es gibt also eine natürliche und unvermeidliche Dialektik der reinen Vernunft, nicht eine, in die sich etwa ein Stümper, durch Mangel an Kenntnissen, selbst verwickelt, oder die irgendein Sophist, um vernünftige Leute zu verwirren, künstlich ersonnen hat, sondern die der menschlichen Vernunft unhintertreiblich anhängt, und selbst, nachdem wir ihr **Blendwerk** aufgedeckt haben, dennoch nicht aufhören wird, ihr vorzugaukeln und sie unablässig in augenblickliche Verirrungen zu stoßen, die jederzeit gehoben zu werden bedürfen.” (Ibid., p. 337, 338)

Resta evidente que, no geral, Kant utiliza preferencialmente a expressão *Schein* para designar a aparência ou ilusão na *Introdução da Dialética*. Isso se releva não somente pela quantidade superior de vezes em que o termo é aplicado, em oposição ao seu paralelo *Illusion*, mas também pela forma específica de seu emprego. Sempre que o filósofo quer falar da ilusão em sentido técnico-crítico, isto é, como terminologia formal, *Schein* é utilizado. Contrariamente, das duas vezes em que o termo *Illusion* é citado, apenas um caráter discursivo é empregado, ou seja, não se mostra como uma terminologia formal, antes, porém, como termo explanatório ao argumento utilizado. Dito de outro modo, Kant faz uso da riqueza vocabular alemã para expressar o movimento ilusório subjetivo da razão, visto como natural e inevitável, através de expressões diversas, sem, contudo, requerer considerações semânticas específicas à compreensão da aplicação. De fato, esse aparte já lança um olhar hermenêutico para a questão do significado e já antecipa, de certo modo, um parecer sobre a intercambialidade das expressões.

É preciso observar, com efeito, os casos especiais em que a expressão *Schein* (e sua forma derivativa verbal: *scheine*) são empregados na passagem A297/B353-4. Ali, o termo não é traduzido como “ilusão” ou “aparência” em todos os casos, dadas as circunstâncias do emprego da forma verbal. Na verdade, das 3 (três) ocorrências – considerando o substantivo e sua variação verbal –, 1 (uma) delas somente é vertida como “ilusão” ou “aparência”, que, neste caso, é aquela originada obviamente do substantivo. Há, todavia, duas situações em que a forma verbal *scheine* é utilizada, são elas: i) *daß uns das Meer in der Mitte nicht höher scheine*<sup>23</sup>; ii) *daß ihm der Mond im Aufgange nicht größer scheine*<sup>24</sup>. Em ambas, a melhor tradução é “parecer” sob a forma flexionada.

Por fim, cumpre considerar um caso interessante da versão portuguesa da *Calouste Gulbenkian*, em que a tradução emprega o termo “ilusão” para um vocábulo alemão diverso dos usuais *Schein* e *Illusion*. Trata-se da passagem A298/B354 em que se diz que há “uma dialética da razão pura natural e inevitável (...) que está inseparavelmente ligada à razão humana e que, descoberta embora a ilusão, não deixará de lhe apresentar miragens”. A expressão traduzida ali por “ilusão” é o vocábulo *Blendwerk* que, embora admita ser assim vertido, pode ser igualmente compreendido como “truque<sup>25</sup>” ou “logro”,

<sup>23</sup> “Que, para nós, o mar não parece ser superior ao horizonte” (tradução nossa) ou “que o mar nos pareça mais alto ao longe” na versão da *Calouste Gulbenkian*.

<sup>24</sup> “Que a lua, em ascensão, não lhe pareça maior” (tradução nossa) ou “que a lua, ao nascer, lhe pareça maior” na versão da *Calouste Gulbenkian*.

<sup>25</sup> Essa é a preferência de Mattos em sua tradução da *KrV*: “(...) mas sim uma dialética que se prende irresistivelmente à razão humana e que, mesmo depois de termos desvendado seu truque, não cessará de enganá-la com falsas promessas” (KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução e notas de Fernando Costa Mattos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015. p.279. [Coleção Pensamento Humano]). Já Rohden & Moosburger traduzem por “caráter ilusório”: “mas uma dialética que é incindivelmente inerente à razão humana e que, mesmo depois de termos descoberto o seu caráter ilusório, não cessará de

um artifício da imaginação. Girotti, ao analisar essa expressão, corretamente destacou:

Para tratar da questão da ilusão, Kant também utiliza o termo alemão *Blendwerk* com sentido de ilusão, tendo em vista seu significado muito próximo de *Täuschung*, mas distante de *Betrug*. ***Blendwerk***, em alemão, significa ilusão, com sentido de fantasmagoria, uma criação da imaginação, uma miragem, uma ilusão com sentido muito próximo de engano interno (***Täuschung***) (...) Portanto, *Blendwerk* tem significado de ilusão, uma vez que se é levado a acreditar em algo criado pela imaginação (interna) como sendo algo real (externo), uma ilusão do sujeito (GIROTTI, 2017, p. 11.)

Portanto, de acordo com esta explicação e considerando o uso do termo na *Introdução da Dialética*, *Blendwerk* permite a tradução por “ilusão” não do ponto de uma terminologia técnica preferida por Kant, mas especificamente como expressão discursiva, isto é, como caracterização dos efeitos de uma dialética da razão pura.

### 3. SCHEIN E ILLUSION SÃO INTERCAMBIÁVEIS NA INTRODUÇÃO DA DIALÉTICA TRANSCENDENTAL?

Se há discernidamente considerado que os termos *Schein* e *Illusion* são aplicados na *Introdução da Dialética* para aduzir ilusões e aparências em que se entremeia à razão. Entretanto, mostrou-se evidente que as traduções ao vernáculo tendem a vertê-los de modo diverso, ora tentando aproximá-los ao que seria uma noção de dupla significação feita por Kant, ora simplesmente tomando-os como casos de sinonímia literária, variando, apenas, como elementos de retomada do discurso sem qualquer variação semântica. Que as aplicações dos termos na *Dialética* parecem ser naturalmente compositivas, isto é, que ambos fundamentam a noção subjacente de ilusão ou aparência, não resta dúvida, todavia se os termos são, em todos os casos, similarmente compreendidos é a questão que merece ser analisada. Evidentemente que a apresentação aqui não tem a pretensão de estabelecer uma posição final sobre o significado os termos, mas, sim, uma intenção mais modesta que é a de reconhecer, ou não, a permutabilidade deles sem prejuízo de significado, pelo menos, em contexto amplo.

Em geral, os comentaristas tendem a assumir uma postura mais consensual sobre o sentido dos termos, apontando que são intercambiáveis. Mesmo teóricos como Moscón, por exemplo, que admite uma dupla significação para os vocábulos, reconhece que, na academia, há relativo consenso sobre o uso deles feito por Kant. Ele destaca: “No que concerne ao significado destes termos na obra de Kant, na bibliografia se há designado, de maneira quase unânime, que

---

engodá-la” (KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valério Rohden e Ubo Baldur Moosburger. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 179. [Coleção Os Pensadores])

ambos são equivalentes<sup>26</sup>” (MOSCÓN, 2015, p. 42, *tradução nossa*). Pelo que se notou da exposição das passagens na subdivisão anterior, aqueles termos figuram de modo basicamente equivalentes no discurso da *Dialética*. Não obstante, essa constatação apenas revela que seu *uso* é contextualmente consistente, ou seja, que se trata de expressões de um mesmo particular. Ainda assim, a análise específica dos termos carece de resultados mais detidos. Por exemplo, se para Kant *Schein* e *Illusion* são termos diferentes para indicar a mesma coisa, então qual a necessidade de aplicá-los conjuntamente em contextos imediatos, como é o caso em *KrV*, A297/B353-4? Estaria Kant demasiando a aplicação sinonímica dos vocábulos para algo que *in concreto* não ajudaria à compreensão subsequente do assunto, posto que seja a relatividade do uso de vocábulos um agravativo de interpretação? Será que, por isso mesmo, tais termos devem ter sentidos diferentes entre si, o que justificaria o uso diverso deles feito por Kant, mesmo que, em alguns casos, aplicados juntos em contexto imediato?

Uma postura sensata e conciliatória talvez seja necessária nesse ponto, afinal a questão da compreensão sobre os usos dos vocábulos que geralmente se traduzem por “ilusão” ou “aparência”, feitos por Kant, está ainda em debate na academia. Como observado nas traduções em português, os termos ora são traduzidos identicamente ora são diferenciados. A dificuldade se revela tanto na incapacidade do vernáculo em dar conta de todas as nuances das expressões alemãs através de um vocábulo específico, quanto também da forma como Kant geralmente os apresenta. À cata de exemplo, Girotti, que recentemente fez uma pesquisa sobre a etimologia de “ilusão” na literatura kantiana, chegou a concluir da seguinte maneira:

Mas é preciso considerar que nossa língua não possui termos exatos para traduzir as palavras que Kant utilizou em seus escritos, o que nos leva a traduzir os termos alemães por interpretações. Ou seja, por que Kant utilizaria de 4 a 5 expressões diferentes, mas com sentidos próximos para dizer sobre um mesmo tipo de ilusão que ocorre de formas diferentes? *Täuschung* é uma ilusão interna; *Betrug* é uma ilusão externa; *Blendwerk* é uma ilusão fantasiosa; *Wahn* é uma ilusão no sentido de delírio; *Schein* é uma ilusão no sentido de aparência. Ou seria uma aparência no sentido de ilusão? (GIROTTI, 2017, p.15)

É possível que exegeticamente os termos – *Schein* e *Illusion* – tenham nuances específicas, isto é, numa análise detidamente vocabular, as expressões ganhem significados peculiares, a considerar, de início, sua origem diversa<sup>27</sup>. Entretanto, essa possibilidade não contribui em absoluto para um desarranjo da ordem semântica do discurso se – e neste caso é válida – a compreensão mais ampla da passagem mantiver uma linha-mestra de sentido. Nesse aspecto, uma

<sup>26</sup>“En lo que concierne al significado de estos términos en la obra de Kant, en la bibliografía se ha señalado, de manera casi unánime, que ambos son equivalentes.”

<sup>27</sup> Afinal, *Schein* é uma palavra tipicamente do vernáculo alemão, enquanto que o correlato *Illusion* é derivativo do latim.



interpretação preferível acerca deste problema deve dar conta tanto de uma abordagem sensível aos possíveis entendimentos que cada termo pode sugerir em relação à tradução, como também estabelecer uma conexão harmoniosa entre eles.

Moscón, por exemplo, sugere que *Illusion* é uma expressão mais emblemática – um conceito chave – em Kant, pois está emparelhada a várias discussões sobre ilusão na arte e na antropologia, enquanto que o termo *Schein*, apesar do maior número de aplicações, simplesmente se refere a “aparência ilusória<sup>28</sup>”, isto é, de uma penumbra antecipatória da ilusão. A ênfase, portanto, recai sobre *Illusion*, e não sobre *Schein*. Observe-se:

Contudo, na Introdução à Dialética Transcendental, intitulada “Da aparência ilusória transcendental”, Kant se refere a esta aparência ilusória (*Schein*) da razão pura por meio do conceito de *ilusão* (*Illusion*), usando este conceito em conformidade com o significado específico em torno dele, tanto no terreno da teoria acerca da arte como na antropologia<sup>29</sup> (MOSCÓN, 2015, p. 54, tradução nossa)

Girotti parece admitir esse entendimento para a expressão *Schein* (contudo sem submetê-la como corolário de *Illusion*), pois advoga a tese de que por intermédio desse vocábulo Kant esteja a falar sobre uma “pré-ilusão” de cuja aparência não se pode escapar dada sua necessidade para toda manifestação da ilusão. Dito de outro modo, para toda efetiva ilusão, compreende o autor, há uma pré-ilusão necessária<sup>30</sup>:

A etimologia de *Schein* nos leva a crer que Kant procura afirmar que há uma ilusão a se formar, que ainda não existe, algo como uma pré-ilusão, pois só podemos nos iludir quando há algo para se iludir e, nesse caso, *Schein* como aparência causa esta impressão de ser algo que ainda será ilusório (GIROTTI, 2017, p. 4.)

E arremata:

Nesse sentido, queremos deixar como reflexão a possibilidade de apresentar *Schein* como uma pré-ilusão, no sentido de que ainda não há

---

<sup>28</sup> É de grande importância recomendar a discussão da seção III, na qual o autor demarca essa distinção entre os termos *Schein*, “aparência ilusória”, e *Illusion*, “ilusão”, sob um ponto de vista mais específico. Vide: MOSCÓN, Pablo. El concepto de ilusión como clave interpretativa del concepto de apariencia ilusoria transcendental en la KrV de I. Kant. **Studia Kantiana**, v.13, n. 19, p. 49-54, dez, 2015.

<sup>29</sup> “Ahora bien, en la Introducción a la Dialéctica trascendental, titulada “De la apariencia ilusoria transcendental”, Kant se refiere a esta apariencia ilusoria (*Schein*) de la razón pura por medio del concepto de ilusión (*Illusion*), empleando este concepto en conformidad con el significado específico establecido en torno a él, tanto en el terreno de la teoría sobre el arte como en la antropología.”

<sup>30</sup> Creio que essa postulação de uma “pré-ilusão” à ilusão transcendental seja uma extrapolação não apenas do domínio do discurso de Kant no contexto da *Introdução da Dialética Transcendental*, como também desnecessária ao entendimento do próprio fenômeno da ilusão transcendental.

algo com que se iludir, aproximando assim a tradução brasileira das outras traduções que trazem *Schein* como aparência, ou seja, algo que ainda não é de total consciência (GIROTTI, 2017, p. 15.)

Assim, ainda que os termos possam, por exemplo, ter significação específica numa análise detidamente lexical, ambos, no contexto da *Dialética*, reforçam-se como expressões para a ilusão. *Schein* se apresenta como o vocábulo técnico pelo qual Kant conceitua (e designa) as ilusões, enquanto que *Illusion* serve de expressão que carrega uma conotação semântico-literária ao conceito da ilusão transcendental. Em sua etimologia, *Illusion* vem do vocábulo *Illusio*<sup>31</sup> do latim (de grafia quase preservada pela língua alemã) que é formado por dois outros termos, *in* e *ludere* (de *ludus*), cujo significado na origem seria algo como “brincar”. Na diacronia deste signo linguístico, a ideia de uma “falha de percepção” ou “erro de julgamento” lhe passou a ser empregada enquanto compreensão mais apropriada, pois a ilusão, intuitivamente, revela-se como vertigem de um ato judicativo ou de percepção<sup>32</sup>.

Por outro lado, *Schein* apresenta uma ideia de ilusão com contornos mais pictóricos. Não por acaso, seu significado, em termos dicionarizados, pode ser brilho, vislumbre, aparência e ilusão. Há uma conotação sutil ligada à simulação que subjaz a algo. O termo, então, sublinha, de modo mais abrangente, a dinâmica da ilusão, isto é, sua aparência e manifestação, justificando, por exemplo, a preferência de Kant por seu uso no contexto mais técnico. Em contraste com *Illusion*, que indica algo mais no campo da experiência da equivocação perceptiva e/ou judicativa – o logro experienciado – e que, no contexto abordado, fundamenta-se como um marcador literário para discorrer sobre a ilusão, *Schein* está mais para o modo da emergência da ilusão, sua forma e sua dinâmica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em que pese, por fim, às opiniões sobre a sinonímia dos termos em questão, há que se ponderar as matizes apresentadas, sem, todavia, gerar cortes semânticos sobre a compreensão dos seus usos na seção abordada da *KrV*. Deste modo, mesmo avaliando os termos separadamente, sob a óptica vocabular, uma apresentação que ajuste o sentido especial ao caráter geral da passagem, produzindo harmonia no discurso, é preferível àquela que estabelece cisões

<sup>31</sup> Pode-se aproximar do sentido de *Illusio* pela compreensão de seus correlatos latinos *eludere* e *illudere*. Conforme Vann, o primeiro significa “enganar, truque”, e o segundo, “fazer jogo de”. (VANN, Michiel de. **Etymological Dictionary of Latin and the Other Italic Languages**. Leiden: Brill, 2008, p. 351 [tradução nossa]): “(...) *eludere* 'to deceive, dodge' (...) *illudere* 'to make game of'”.

<sup>32</sup> Quanto a este particular, Abbagnano diz: “se repete com frequência em tempos recentes, que as I. [ilusões] não pertencem aos sentidos, mas ao juízo feito sobre o dado sensível” (ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.537. [acréscimo entre colchetes nossos])

desnecessárias e intertextualmente comprometidas. Que *Schein* e *Illusion* são termos utilizados por Kant para lidar com as várias ilusões na *Dialética* é algo acima da dúvida. Exige-se, pois, um atento olhar hermenêutico para lidar com tais terminologias em suas mais variadas aplicações, reconhecendo suas peculiaridades contextuais e sem prejuízos à interpretação, quer por um nivelamento acrítico, quer por uma desnecessária multiplicação de sentidos ou usos especiais injustificados.

## Illusion or Appearance? A hermeneutic evaluation of *Schein* in the introduction of Transcendental Dialectics

**Abstract:** This paper seeks to investigate the term *Schein* in the *Introduction* of *Transcendental Dialectic* in the *Critique of Pure Reason (KrV)*. This is intended to understand its immediate and contextual meaning and, at the same time, distinguish it from other words used by Kant in this section of the *KrV*. In general, Portuguese-language translations (from Brazil and Portugal) vary in the translation of the word, sometimes translated as “illusion”, sometimes as “appearance”. Understanding these variations can shed light on the Kantian application of terms, as well as shed light on their semantic and contextual mastery, thus helping to understand a specific topic of the opening of Dialectic, namely the Transcendental Illusion.

**Keywords:** Illusion. Appearance. Dialectic. Kant.

### REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GIROTTI, Marcio Tadeu. A etimologia da ilusão em Kant: tradução e apontamentos. **Revista Contemplação**, n.16, p.1-16, 2017.

GRIER, M. **Kant's Doctrine of Transcendental Illusion**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valério Rohden e Ubo Baldur Moosburger. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução e notas de Fernando Costa Mattos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015. (Coleção Pensamento Humano)

MELLIN, G. S. A. **Encyclopädisches Wörterbuch der kritischen Philosophie**, V Band, I Abtheil, Jena & Leipzig, 1802.

MOSCÓN, Pablo. El concepto de ilusión como clave interpretativa del concepto de apariencia ilusoria trascendental en la KrV de I. Kant. **Studia Kantiana**, v.13, n. 19, p. 39-62, dez, 2015.

VANN, Michiel de. **Etymological Dictionary of Latin and the Other Italic Languages**. Leiden: Brill, 2008.